Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK

v.6, n.10

Cristhielle Tieko Ogura

Graduada em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá. Graduanda em Letras - Japonês na Universidade Federal do Paraná.

E-mail:cris.tieko@hotmail.com.

Submissão: 17/02/2024
Revisão: 24/06/2024
Aprovado: 30/06/2024
Publicação: 21/07/2024

O PAPEL DO BOYS LOVE (BL) NA AUTODESCOBERTA DE HOMENS TRANSGÊNERO

Resumo: BL é uma classificação comercial para conteúdos voltados para o público feminino, cujo tema central são relacionamentos sexuais ou amorosos entre homens. Suas origens remetem aos mangás para meninas dos anos 70 e, apesar de possuir um público em sua maioria feminino, supostamente hétero e cisgênero, há cada vez mais fãs LGBTQ. Dentre eles, há muitas pessoas transgênero que afirmam que o BL auxiliou no seu processo de autodescoberta. Através de um estudo de caso, este artigo tem como objetivo averiguar a hipótese do BL como um recurso para a autodescoberta de homens transgênero e, se verdadeiro, como isso ocorre. Em menor escala, também busca entender quem são os homens trans fãs de BL, sua relação com o BL e sua forma de consumo.

Palavras-chaves: Boys love; Homem trans; Transgênero; Identidade de gênero.

Revista Multidisciplinar de Estudos NERDS GEEK

v.6, n.10

Cristhielle Tieko Ogura

Graduada em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá. Graduanda em Letras - Japonês na Universidade Federal do Paraná.

E-mail:cris.tieko@hotmail.com.

Submissão: 17/02/2024
Revisão: 24/06/2024
Aprovado: 30/06/2024
Publicação: 21/07/2024

THE ROLE OF BOYS LOVE (BL) IN THE SELF-DISCOVERY OF TRANSGENDER MEN

Abstract: *BL is a commercial classification for content aimed at a female audience, whose central theme is sexual or romantic relationships between men. Its origins go back to manga for girls from the 70s and, despite having an audience that is mostly female, supposedly straight and cisgender, there are more and more LGBTQ fans. Among them, there are many transgender people who say that BL helped in their process of self-discovery. Using the case study methodology, this article aims to investigate the hypothesis of BL as a resource for self-discovery for transgender men and, if true, how does this happen. On a smaller scale, it also aims to understand who the trans men who are fans of BL are, their relationship with BL and how they consume it.*

Keywords: *Boys love; Trans man; Transgender; Gender identity.*

ISSN: 2675-5084

INTRODUÇÃO

Qualquer um que possua familiaridade com a cultura popular japonesa sabe do fenômeno que são os animês e mangás dentro e fora do Japão. Entre as produções culturais japonesas que estão fazendo sucesso mundialmente, não podemos deixar de citar o *boys love* (doravante BL). BL é uma classificação que se refere a conteúdos, majoritariamente voltados para o público feminino, cujo tema principal envolve o relacionamento sexual ou amoroso entre homens. Tendo em vista que suas origens remetem aos mangás *shôjo*[1] dos anos 70 (Fujimoto, 2022), a principal referência sobre o assunto costumava ser Japão. No entanto, nos últimos anos, há conteúdos BL sendo produzidos e consumidos em vários países. O termo que antes era focado predominantemente em mangás, agora engloba diversas outras mídias, que não necessariamente vieram do Japão.

Devido as suas origens nas revistas de mangás femininas, o BL ainda possui um público majoritariamente feminino e cisgênero. Segundo o *Yano Keizai Kenkyûjo* (2017), de 740 mil japoneses que se identificaram como fãs de BL em 2016, 69.4% se identificavam como mulheres. Em uma pesquisa feita por Coelho (2023), em 2022, sobre o perfil dos consumidores de Boys Love do Brasil, 65% dos 2.046 participantes se identificavam como mulher cisgênero.

Apesar do BL originalmente não ter sido pensado para promover a homossexualidade ou repensar identidades de gênero, fãs fora da esfera cisgênero e heterossexual tem se tornado cada vez mais comum. Atualmente, o BL pode ser considerado um fenômeno que enfrenta normas sexuais e de gênero, dá suporte à comunidade LGBTQ e apresenta efeitos culturais e políticos tangíveis, desempenhando um papel positivo na vida de seus fãs (Welker, 2022).

O impacto sociocultural do BL ainda é maior em países da Ásia, possivelmente devido à proximidade geográfica e cultural com o Japão. Não obstante, a presença de conteúdos BL no Brasil tem crescido a cada ano e o número de fãs também tem aumentado assustadoramente, com a audiência brasileira de doramas[2] BL no site de *streaming* Rakuten Viki aumentando 188% só em 2022 (Globo, 2023).

Em comunidades de fãs brasileiros, é possível encontrar pessoas transgênero que relatam sobre a importância do BL no seu processo de autodescoberta como pessoa trans. Observando esses depoimentos e considerando que grande parte dos fãs de BL tendem a ser jovens, começando a consumir esse tipo de mídia ainda na adolescência, podemos inferir que o BL pode impactar o processo de autodescoberta de muitos. Diante da crescente popularidade do BL, principalmente na comunidade LGBTQ, é importante entender sua influência no processo de autodescoberta das pessoas transgênero, uma vez que essa é uma população muito hostilizada e todo esforço para seu acolhimento ainda é necessário (Vasconcelos, 2023).

Sendo assim, este artigo investigou a hi-

[1] Mangá *shôjo* (少女漫画). Histórias em quadrinhos japonesas publicadas em revistas voltadas para o público feminino entre 7 e 18 anos.

[2] Dorama (ドラマ). O termo vem da escrita japonesa da palavra em inglês "drama". No contexto original japonês, o termo se refere a qualquer obra audiovisual de ficção em formato de série. No Brasil, a Academia Brasileira de Letras incluiu o termo "dorama" no Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa, definindo-o como uma obra audiovisual de ficção em formato de série, produzida no leste e sudeste da Ásia, de gêneros e temas diversos, em geral com elenco local e no idioma do país de origem.

pótese do BL como um recurso de autodescoberta para homens transgênero fãs de BL. Visando um trabalho mais conciso, escolheu-se dar um enfoque em pessoas que se identificam como homens trans e que consomem BL. Utilizando um questionário e entrevistas com homens trans da comunidade de fãs, esta pesquisa também procurou entender quem são esses homens trans, como é sua relação com o BL e forma de consumo. A partir disso, averiguou-se se, de fato, o BL pode ser considerado um recurso de autodescoberta para homens trans e, se verdadeiro, como isso ocorre para seus envolvidos.

GÊNERO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Esta pesquisa utiliza a denominação homem transgênero ou homem trans. No entanto, há diversos termos – homem transexual, transexual masculino, transmasculino, trans-homem ou FTM[3] – para se referir àqueles cujos corpos foram designados como femininos ao nascimento e tiveram esse gênero reiterado impositivamente durante sua socialização, mas que se opõem a essa designação. Ou seja, pessoas que se identificam psicologicamente como homens e reivindicam serem reconhecidas socialmente como pessoas do gênero masculino (Miranda, 2022). Em termos mais gerais, pessoas transgênero são aquelas que transitam entre os gêneros e cujas identidades de gênero não se limitam às definições tradicionais de feminino e masculino. Elas estão em contraponto das pessoas cisgênero, classificação que descreve indivíduos que se identificam em todos os sentidos com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento (Reis; Cazal, 2021).

A concepção de gênero desta pesquisa está diretamente ligada à história do feminismo contemporâneo, que problematizou e rejeitou o determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual" (Scott, 1995; Louro, 1997). De acordo com Scott (1995), este movimento enfatizou que as distinções de gênero baseadas no sexo biológico, na realidade, possuem carácter social. O termo "gênero" se refere a um sistema de relações que podem incluir o sexo biológico, mas que não é diretamente determinado por ele, assim como não determina diretamente a sexualidade.

A identidade de gênero é uma convicção íntima que uma pessoa tem sobre si mesma como pertencente ao gênero masculino, feminino, agênero ou não-binário. Essa percepção é independente do que foi convencionado a partir de seu sexo biológico e sua identidade não precisa ser necessariamente visível para os demais (Reis; Cazal, 2021). Conforme Miranda (2022), essa identidade também está relacionada ao modo com que os indivíduos se percebem e são percebidos como integrantes de um certo grupo social, segundo os padrões de gênero compartilhados por aquela sociedade em questão.

Cada sociedade e cultura possuem discursos que definem os comportamentos e sentimentos mais apropriados para homens e mulheres. No Ocidente, que é o contexto em que esta pesquisa se encontra, o conceito de masculino geralmente se baseia na ideia de privilégio, virilidade e dominância – que remonta de uma tradição helênica e romana –, em oposição ao que seria o feminino. Isso pressiona os indivíduos de ambos os gêneros a agir, sentir e se expressar de forma antagônica. Essas normas são internalizadas durante o período de socialização, onde incorporamos aquilo que é considerado socialmente adequado (Miranda, 2022). Essa socialização ocorre desde os primeiros anos de vida, mas seus efeitos podem ser ainda mais impactantes para pessoas trans durante a adolescência. De acordo com Eisenstein (2005), a "adolescência" é caracterizada pelo desenvolvimento físico,

[3] Do inglês "female to male" (feminino para masculino).

mental, emocional, sexual e social, assim como pelos esforços em alcançar as expectativas culturais da sociedade em que vivem. Em um contexto de grandes transformações e forte necessidade de aceitação social, pessoas trans podem sentir um incômodo ainda maior durante a adolescência, sendo o ponto de virada para o processo de identificação de muitos.

Elucidado os conceitos de gênero e identidade de gênero com os quais este trabalho pretende se embasar, com a próxima sessão, abordaremos o que são os mangás BL e quais são suas ligações com o *queer*[4].

O BL E O QUEER

O *Boys love* (BL) é uma classificação comercial cujas origens rementem ao Japão do início de 1970, em uma subcategoria dos mangás *shôjo* chamada de *shônen-ai*[5]. Obras com personagens homossexuais não eram novidade no mercado daquela época, mesmo dentro do shôjo, mas foram os mangás shônen-ai que deram início a um *boom* de popularidade dessa temática entre as mulheres (Welker, 2015; Fujimoto, 2020). Essa popularidade resultou na publicação, em 1978, da revista *JUNE*, especializada em "amor entre homens". Na segunda metade dos anos 80, a popularidade das obras *yaoi*[6] no mercado independente também chamou a atenção de editoras. A partir disso, no início de 1990, revistas e selos especializados em obras com homossexualidade masculina voltadas para mulheres começaram a surgir uma atrás da outra. O termo *boys love* emerge nesse cenário como uma forma de nomear esse novo fenômeno da indústria dos mangás comerciais, se estabelecendo como uma classificação de fato no final dos anos 90 (Fujimoto, 2020).

Por ser um tipo de mídia que foca em relações entre homens, mas é majoritariamente produzido e consumido por mulheres, é de se esperar que o BL seja alvo de julgamentos. Em 1992, homens gays iniciaram uma onda de críticas sobre as representações dos personagens gays no BL/*yaoi*, que perdurou até 1996 e ficou conhecido como *yaoi ronsô*[7] (Nagaike; Aoyama, 2015; Maekawa, 2020). O *yaoi ronsô* levantou diversos pontos importantes de ambos os lados e levou a uma gradual reavaliação do BL por parte de autoras e fãs. Assim, a partir dos anos 2000, começaram a surgir novas autoras de BL que retratavam a homossexualidade com mais sensibilidade e complexidade (Kimie, 2020). Apesar desses impasses com parte da comunidade, o BL também teve muitas interações positivas com homens gays. Conforme Maekawa (2020, p. 229), na edição de julho de 2009 da revista gay *Badi*, foi publicado um segmento especial sobre BL, que apresentava aos seus leitores "o encantador mundo BL".

A maioria dos que produzem e consomem BL são mulheres, mas é difícil dizer de fato quantas delas são realmente mulheres cis e hétero. Antes de começar a desenhar para

[4] *Queer*. Do inglês "estranho", "esquisito" ou "excêntrico", era um termo pejorativo até ser ressignificado por parte do movimento LGBTQ. Pode ser interpretado de várias formas, principalmente como uma denominação para aqueles que transitam entre os gêneros e estão além do binarismo. Aqui, os autores usam queer no sentido de algo que se opõe à heterocisnormatividade.

[5] *Shônen-ai* (少年愛). Junção das palavras "menino" (少年) e "amor" (愛). É originalmente utilizado para designar o conceito de pederastia da Grécia antiga, em que há o relacionamento entre um homem e um menino. No contexto dos mangás, eram obras que retratavam relacionamentos amorosos ou sexuais entre belos meninos, muitas vezes em cenários históricos europeus.

[6] *Yaoi* (やおい). Acrônimo de "yamanashi ochinashi iminashi" (sem clímax, sem conclusão, sem sentido). Originalmente usado para se referir a qualquer produção publicada de forma autônoma. Partiam do pressuposto de é possível desenhar/escrever o que quiser, sem se preocupar com um clímax, conclusão ou sentido para a história. Com o tempo, o uso afunilou para se referir à obras homoeróticas. No Ocidente, o termo se espalhou erroneamente como um sinônimo de BL.

[7] *Yaoi ronsô* (やおい論争). O debate/a controvérsia yaoi.

revistas de *gay comic*[8], Gengoroh Tagame – um dos maiores autores de *gay comic* – admitiu já ter publicado na revista *JUNE*, utilizando outro pseudônimo. Ele também afirma que falar do gênero e orientação sexual dos criadores mangás BL é problemático, uma vez que conhece muitas pessoas que são listadas como autoras cis e hétero publicamente, mas que, na realidade, são lésbicas ou transgênero (Aoki, 2015). O autor Kazuki Minamoto também só revelou que era um homem gay em 2015, ao lançar seu mangá autobiográfico *Shôjo Mangaka no Minamoto-san ga Coming Out Shimasu*.[9], seis anos após estrear no mercado de mangás. Por suas obras serem BL e romances eróticos heterossexuais voltados ao público feminino, acreditava-se que ele era uma mulher.

Apesar de seus prós e contras, em toda sua história o BL foi um catalisador de discussões e indagações pessoais importantes referentes a questões de gênero, sexo e sexualidade. Segundo Nagaike e Aoyama (2015), o BL é indiscutivelmente *queer* em sua perturbação da heteronormatividade e possui o potencial de ser ainda mais *queer*.

De um lado, o BL propiciou aos homens uma possibilidade de entrar em contato uma realidade masculina mais "feminina". Segundo o crítico e pesquisador Taimatsu Yoshimoto, há cada vez mais homens heterossexuais se declarando fãs de BL. Para esses homens, o BL é visto como uma fuga dos padrões de identidade masculina convencional japonesa. Eles apreciam como os personagens são livres para expressar vulnerabilidade e passividade – qualidades tradicionalmente classificadas como femininas e estigmatizadas quando expressas por homens (Nagaike; Aoyama, 2015).

De outro lado, o BL também possibilitou às mulheres a exploração da sexualidade fora dos limites impostos pelos padrões de gênero. Como aponta Fujimoto (2020), o shônen-ai nasceu, em grande parte, devido à dificuldade de viver como uma mulher nos anos 70. No início, mais do que como homens, os garotos do *shônen-ai* eram retratados como "algo que não é uma mulher", como uma forma das mulheres poderem se afastar da opressão feminina. A partir do shônen-ai, elas puderam adentrar no domínio da "sexualidade", que era considerado um tabu. Segundo a socióloga feminista Chizuko Ueno, o amor homossexual masculino era um mecanismo seguro para as garotas lidarem com a sexualidade. Ao separar o "sexo" de seus corpos, tomando emprestados os corpos de belos meninos, elas conseguiam abordar livremente sobre o "sexo" (Fujimoto, 2004).

A pesquisadora Yukari Fujimoto também aponta que a prática de *shipping*[10] do *yaoi*, ao longo do tempo, se tornou um meio de brincar com o gênero. Embora pareça que os personagens *seme* e *uke*[11] repliquem uma dicotomia normativa de gênero, as características de cada personagem fazem sentido e mudam em relação ao personagem com quem ele forma um casal e da sua posição como seme ou uke. A prática de imaginar como os personagens se relacionam, agem e pensam é

[8] *Gay comic* (ゲイコミック). Por vezes conhecido como geikomi, gay manga e erroneamente de bara no Ocidente, são os mangás publicados em revistas voltadas para o público homossexual masculino.

[9] *Shôjo Mangaka no Minamoto-san ga Coming Out Shimasu*. (少女漫画家のミナモトさんがカミングアウトします。), publicado pela editora Jive. Em português, "o autor de mangás shôjo, senhor Minamoto, vai se assumir" (tradução livre).

[10] *Shipping*. Termo em inglês derivado da palavra "relacionamento" (relationship). Surgiu em comunidades de fãs na internet. Significa gostar e apoiar o relacionamento amoroso de dois personagens, ainda que eles não tenham esse tipo de relação na obra original (Kircher, 2015).

[11] *Seme* (攻め). Do japonês "atacar" (攻める), é um termo utilizado por fãs para se referir ao personagem que é o ativo, aquele que realiza a penetração na relação sexual. Já *uke* (受け) vem do japonês "receber" (受ける), é um termo usado por fãs para se referir ao personagem que é o passivo, aquele que é penetrado na relação sexual.

o que revela a possibilidade de identificação transgênero inerente ao BL. A prática do *shipping* expõe a mutabilidade do gênero e permite a exploração de possibilidades além da norma (Welker, 2022).

Com sua expansão para além do Japão, as possibilidades e expressividades do BL aumentam e tomam formas diferentes. Segundo James Welker (2022), BL pode auxiliar na conscientização sobre questões de gênero, facilitando a libertação de gênero e a expressão sexual. Ele acredita que o BL é *queer*, uma vez que desrespeita e facilita o desrespeito às normas de gênero e sexualidade. Além de pressionar fãs cisgêneros e heterossexuais a reconsiderar os direitos e a posição social dos membros da comunidade LGBTQ, motivando-os a se engajar no ativismo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se classifica como um estudo de caso, quantitativo e qualitativo – com especial atenção ao qualitativo –, com objetivos exploratórios. Conforme Gil (2002), um estudo de caso consiste na análise profunda de um ou poucos objetos, sendo considerado o mais adequado para investigar fenômenos contemporâneos em seu contexto real. Também utilizado em pesquisas que explicam as variáveis causais de um fenômeno em situações complexas, onde não há limites muito claros. É uma forma de pesquisa qualitativa, que envolve o estudo do uso e coleta de materiais empíricos que descrevem momentos e significados da vida dos indivíduos. É um tipo de pesquisa que ressalta os aspectos sociais da realidade, a relação entre pesquisador e objeto estudado, assim como as limitações da investigação (Denzin; Lincoln, 2006). Uma pesquisa com objetivos exploratórios visa tornar a problemática mais explícita ou construir hipóteses. Seu planejamento é bastante flexível, de modo a considerar as diversas perspectivas que envolvem ao fato estudado (Gil, 2002).

Devido à particularidade do objeto de pesquisa, a coleta de dados da pesquisa foi feita em sua totalidade por meios virtuais. A divulgação se concentrou no Twitter (atual X), que a pesquisadora acreditava ser a rede social mais propensa a atingir um público maior de fãs de BL. A primeira etapa da pesquisa foi composta de um questionário com um total de 21 perguntas. O questionário foi elaborado utilizando a ferramenta Formulários do Google e divulgado dia 13 de maio de 2023 no perfil pessoal da pesquisadora, recebendo 197 compartilhamentos. Até o dia 17 de junho de 2023, 72 pessoas responderam ao questionário. Os dados coletados foram transformados em gráficos e em percentuais com o auxílio da própria ferramenta do Google.

A segunda etapa foi composta de uma entrevista oral semiestruturada, realizada através da plataforma Microsoft Teams, gravada em áudio. No questionário da primeira etapa, havia uma opção para aqueles com mais de 18 anos, que gostariam de participar de uma entrevista, colocassem seu nome e e-mail. 33 pessoas se dispuseram participar das entrevistas. Inicialmente, entrou-se em contato via e-mail com 10 das 33 pessoas e, posteriormente, com mais 2, totalizando 12 convidados. Até o dia 17 de junho, 5 das 12 pessoas convocadas responderam o contato. Por se tratar de pesquisa com seres humanos, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também foi enviado, devendo ele ser assinado pelo participante caso realmente aceitasse participar da entrevista. Esta pesquisa foi aplicada durante a disciplina de Metodologia de Pesquisa em Linguística Aplicada do curso de Letras – Japonês, da Universidade Federal do Paraná, cumprindo um rigoroso protocolo de pesquisa.

Cada entrevista durou cerca de 10 minutos e os participantes foram convidados a falar mais um pouco sobre seu consumo de BL, sua relação com o BL com o passar do tempo, sobre como conheceu e começou a consumir BL e como ele contribuiu no seu processo de autodescoberta.

No fim da entrevista, o entrevistado ficou livre para falar algo que acreditava ser importante sobre sua relação com o BL. Antes da entrevista, o participante precisou escolher um pseudônimo, a fim de salvaguardar qualquer identificação indesejada. Sendo assim, neste artigo, só iremos nos referir aos participantes da entrevista através de seus pseudônimos.

Quadro 1: Dados dos entrevistados

Pseudônimo	Idade	Onde Mora
Marcos	29 anos	Rio de Janeiro/RJ
Caio	19 anos	Recife/PE
Lucas	25 anos	São Paulo/SP
Gabriel	26 anos	Santos/SP
Arroz	20 anos	Cidade do RS

RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS

Logo de início, podemos afirmar que 82% dos 72 participantes do questionário responderam que o BL contribuiu de alguma forma para sua autodescoberta como homem trans. Dentre eles, 43,1% responderam que o BL contribuiu muito e 31,9% responderam que o BL contribuiu mais ou menos. Sendo assim, em nossa amostra, temos a confirmação do impacto desse tipo de mídia na autodescoberta dos homens trans fãs de BL. Os dados do questionário também mostram que, de fato, a grande maioria começou a ler BL durante a adolescência e alguns até durante a infância, antes dos 12 anos de idade. 54,2% afirmaram ter se identificado como homem trans entre os 13 e 17 anos e 15,3% antes dos 12 anos. Percebe-se, então, que os dois fatores realmente se sobrepõem, com grande parte dos participantes consumindo ou começando a consumir BL na época que se descobriram como homem trans.

Entre as respostas abertas sobre como o BL contribuiu para seu processo de autodescoberta, muitos relatam que começaram a questionar seu próprio gênero quando se projetaram ou se identificaram com os personagens dos BL. Desejaram ser como aqueles personagens ou desejaram estar em um relacionamento como os retratados naquelas histórias. Um dos participantes, por exemplo, deu a seguinte resposta:

> [...] E quando comecei a ler BL, passei de apenas um expectador que amava ver aquelas relações entre dois caras, para um sentimento de que queria ser como eles, eu queria ser eles, e foi assim que comecei a me questionar, era algo que garotas que liam bl sentiam também? Aquilo era normal? E fui descobrindo que não, e foi a porta de entrada para eu começar a me entender como um garoto trans. (Participante 15, entre 23-27 anos).

O segundo tema mais relatado se refere às diversas formas de expressão de masculinidade presentes nas obras. Essas novas percepções sobre masculinidade são trazidas como um ponto importante, por diferirem dos padrões ocidentais "brancos eurocêntricos" que dominam nossa sociedade. Muitos citam que se identificaram e se sentiram representados ao ver como personagens de BL eram "menos normativos", "afeminados" e até mesmo andrógenos.

Alguns participantes também relataram que, através do BL, puderam ter mais contato – ou seu primeiro contato – com a comunidade LGBTQ. Nesse sentido, o BL surge como um incentivo para a busca de um conhecimento mais profundo sobre as pautas LGBTQ ou como uma porta de entrada para o tema, principalmente para aqueles que não tinham abertura para tais discussões em seu círculo social. Os relatos apontam que, através do contato com o BL e, consequentemente, com a comunidade LGBTQ, puderam questionar suas vivências e identidade de gênero:

> O BL me mostrou outras possibilidades que eu não conhecia. Me fez entender que gays não eram "pecadores nojentos" como eu havia aprendido que era, e a partir disso eu comecei a questionar os valores cristãos sob os quais fui criado e pude me entender melhor, conhecendo também a comunidade LGBT+. O BL foi meu primeiro contato com algo "queer" na vida e sem ele talvez eu não tivesse questionado as normas nas quais eu fui inserido e que na verdade não

> faziam sentido pra mim. (Participante 1, entre 23-27 anos).

81,9% dos participantes possuíam 18 anos ou mais, com 38,4% tendo entre 23 e 27 anos e 33,3% tendo entre 18 e 22 anos. Em questão de nível de escolaridade, 30,6% dos participantes afirmaram ter Ensino Superior incompleto, enquanto 27,8% afirmaram ter Ensino Superior completo e 23,6% possuíam apenas o Ensino Médio completo. 55,6% dos participantes relataram morar na região Sudeste do Brasil, quase o triplo dos respondentes da região Nordeste (18,1%) e o quíntuplo da região Sul (11,1%). As cinco redes sociais mais utilizadas cotidianamente pelos participantes são o Twitter (87,5%), YouTube (81,9%), WhatsApp (69,4%), Discord (65,3%) e Instagram (55,6%).

97,2% responderam que já consumiam algum tipo de conteúdo asiático não-BL anteriormente, principalmente animações (95,8%), quadrinhos (79,2%) e jogos (70,8%). Mais da metade (51,4%) dos participantes ainda consomem conteúdos asiáticos não-BL tanto quanto consomem BL e 23,6% ainda consomem mais do que BL. Por outro lado, 22,2% disseram que consomem mais conteúdos BL do que não-BL e 2,8% não consomem nenhum conteúdo asiático que não seja BL.

40,3% são fãs de BL há mais de 10 anos, mas 36,1% começaram a gostar entre 2013 e 2017. A maioria consome BL frequentemente, com 40,3% consumindo todos os dias e 37,5% algumas vezes por semana. Apesar do BL já ter se difundido em vários países do mundo, o japonês ainda é o mais consumido (91,7%) entre os que responderam ao questionário, seguido pelos chinês (62,5%) e o sul-coreano (58,3%). Um dado interessante é que 29,2% responderam que consomem conteúdo BL brasileiro.

A maior forma de consumo de BL é através de quadrinhos (95,8%) e animações (84,7%). Muitos também consomem produções feitas por fãs, como *fanarts*[12] (83,3%) e *fanfics*[13] (81,9%). Esse consumo é feito principalmente na língua inglesa (90,3%) e portuguesa (80,6%). Curiosamente, o terceiro idioma mais utilizado é o japonês (41,7%), sendo mais frequente que o espanhol (25%).

Os participantes apresentaram diversas causas para o seu primeiro contato com o BL, desde vídeos no TikTok até grupos de música sul-coreana. A maioria afirmou que seu primeiro contato se deu via *fanarts*, *dôjinshi*[14] e *fanfics*, pois já gostavam de produções japonesas e encontraram material de *shipping* criados por outros fãs. A segunda maior causa apresentada foram amigos ou conhecidos. Muitos afirmaram terem sido apresentados ao BL por amizades e até por familiares que já consumiam.

Sobre o que os atraiu e ainda atrai no BL, grande parte respondeu ser os tipos variados de histórias, desenvolvimentos e dinâmicas de casais. O participante 9 alega que, no BL, "a construção de personagem e relacionamento costuma ser mais bem feita do que em romances heterossexuais". O segundo motivo mais relatado é o fator de identificação, projeção e sentimento de representação. De acordo com vários respondentes, consumir BL fazia com que se sentissem mais "inclusos" e mais próximos dos personagens. Essa identificação com os personagens masculinos permite uma projeção

[12] *Fanart*. Termo composto pelas palavras em inglês "fã" (fan) e "arte" (art). Se refere à ilustrações baseadas em obras já existentes desenhadas por fãs.
[13] *Fanfic*. Versão encurtada do termo *fanfiction*, composto pelas palavras em inglês "fã" (fan) e "ficção" (fiction). Se refere à narrativas baseadas em obras já existentes escritas por fãs.
[14] *Dôjinshi* (同人誌). Palavra composta pelas palavras "pessoa ou grupo com interesses semelhantes" (同人) e "revista" (誌), se refere a publicações independentes, sem o intermédio de editoras. Podem ser baseadas em obras já existentes ou inteiramente originais (Dahlan, 2022).

maior e, consequentemente, um maior envolvimento com essas obras.

Alguns participantes também apontaram que seu interesse pelo BL começou e se manteve pela curiosidade, uma vez que era algo completamente novo. Não apenas no sentido de ser seu primeiro contato com uma mídia LGBTQ, mas também como uma nova forma de mídia LGBTQ. O relato do participante 12 diz que aquilo que o atraiu e ainda atrai no BL são as "histórias sobre pessoas lgbtq contadas de diferentes formas e de maneiras criativas, não ficando presas somente a um clichê ocidental de descoberta da própria sexualidade com personagens adolescentes".

A pergunta sobre quais eram os tipos de histórias BL que eles mais consumiam e quais não gostavam de consumir era de resposta aberta. A maioria dos participantes respondeu que consome obras de fantasia. O segundo tipo mais mencionado foram os dramas, principalmente tragédias. Em terceiro, ficaram as comédias. É curioso apontar uma grande preferência por obras de terror e horror, assim como suspense e mistério. Temas pesados como *eroguro*[15], *dark romance*[16], incesto, consentimento dúbio e até mesmo sexo envolvendo criaturas não-humanas também estavam muito presentes.

Em relação aos tipos de histórias que não gostam de consumir, cerca de 31 pessoas responderam não gostar de *omegaverse*[17]. Os motivos vão desde não gostar da ideia de gravidez, considerar estranho, transfóbico ou que romantiza relacionamentos abusivos. Ironicamente, apesar dessa rejeição por quase metade dos respondentes, ele foi citado como tema favorito, na pergunta anterior, por cerca de 12 pessoas. Na pergunta sobre como o BL contribuiu no processo de sua autodescoberta, um dos participantes trouxe até mesmo o seguinte relato:

> [...] eu entendo que muitos outros homens trans criticam omegaverse, mas eu tenho um carinho por esse gênero porque antigamente não tinha tanta representatividade pra pessoas trans ainda, então a ideia de que tenha um personagem que é um homem mas que mesmo assim passa pelas dificuldades que uma pessoa AFAB passa (no caso dos ômegas por eles serem oprimidos e terem útero e... enfim, essas coisas) sempre me deu bastante conforto. [...] (Participante 19, entre 18-22 anos).

Outros temas mencionados como aversivos se referem à relacionamentos "tóxicos" ou abusivos, assim como histórias "chocantes" que envolvem terror, fluídos corporais ou violência. A presença de temas controversos como traição, estupro e incesto entre as respostas já era esperado, mas é curioso observar relatos de pessoas que não gostam de consumir histórias "fofas", "água com açúcar" ou "higienizadas", que estariam "muito preocupadas com '(boa) representatividade'".

Grande parte dos respondentes afirma que costumam interagir com outros fãs de BL no Twitter (68,1%). Em segundo lugar, o Discord (44,4%), seguido pelo WhatsApp (30,6%), mas há quem afirme que não interage com outros fãs em lugar algum (18,1%). Em uma pergunta com resposta aberta sobre o que os participantes

[15] *Eroguro* (エログロ).Gênero artístico cujo nome vem das junções de "erotismo" (eroticism) e "grotesco" (grotesque).

[16] *Dark romance*. Do inglês, "romance sombrio". Subgênero literário que trata de temas considerados polêmicos e perturbadores.

[17] *Omegaverse*. Também conhecido como A/B/O, é um subgênero literário que surgiu entre fãs do seriado americano Supernatural e que, posteriormente, foi incorporado pelo BL. Neste universo, além do gênero macho e fêmea, há um segundo gênero: alfas, betas e ômegas. As regras do universo variam de acordo com o autor da história, com obras apresentando pequenas diferenças de conceito. De modo geral, os alfas são capazes de engravidar os ômegas, seja ele macho ou fêmea. Em outras palavras, independentemente de seus órgãos sexuais reprodutivos, todos os ômegas são capazes de engravidar (Valens, 2020).

pensavam e como era sua relação com a comunidade de fãs BL, em grande parte, as respostas foram positivas. A maioria afirma que, ao menos em sua "bolha", os fãs são acolhedores e as interações são agradáveis. Muitos também afirmam ser uma experiência que possui altos e baixos, pois "como em qualquer outra comunidade, sempre há as maçãs podres" (participante 59). Nesse sentido, muitas respostas deixam claro que estão cientes das controvérsias e discordâncias entre fãs, mas que, ainda assim, sua experiência pessoal é majoritariamente positiva:

> Eu gosto, eu fui muito abraçado na comunidade do TikTok e do twitter fiz amigos pra minha vida dentro da comunidade, entendo que existe uma parte que da comunidade que é infantil e imatura e por isso existe muita crítica em torno da gente acho que algumas são válidas mas tbm são casos isolados. No geral eu só tenho coisas positivas e experiências positivas com a comunidade. (Participante 10, entre 23-27 anos)

Entre os que dizem evitar contato com os fãs, há argumentos em dois extremos. Alguns afirmam que a maioria dos fãs é "problemática" e outros afirmam que a maioria é "puritana". Há diversos relatos sobre o suposto puritanismo dos fãs e que expressam claramente seu descontentamento com essa situação. O participante 4 conta como há "pessoas que agem como se tudo que fosse mais 'sombrio' fosse algo que não devesse ser abordado nunca na ficção e as que acusam as outras de serem fetichistas". Outros, como o participante 64, admitem terem "um pouco de medo de como frequente são os cancelamentos e as caças às bruxas que acontecem para pessoas que gostam de assuntos problemáticos". Em contrapartida, há uma parcela de participantes que não possui uma boa imagem da comunidade de fãs por considerá-la muito "tóxica" e "fetichizadora", pois considera que uma grande quantidade dos fãs supostamente apoia obras "nojentas" de BL.

Essas brigas entre extremos afastam alguns indivíduos que não gostam particularmente de tomar algum partido. Há respondentes, como o participante 16, que alegam que os fãs são "meio 8/80", pois "ou você fica do lado de um conteúdo puritano e sanitizado ou você fica do lado de um conteúdo escroto e abusivo". É interessante perceber também que há participantes que relatam sentir falta de como a comunidade era antigamente, pois "a atual tenta policiar e sanitizar demais as coisas" (participante 61), ao mesmo tempo que há relatos de que a comunidade melhorou muito se comparada à de antigamente.

Estas afirmações tão paradoxais revelam como a experiência de cada fã pode divergir de forma drástica dependendo de seu círculo social. São experiências individuais válidas e é preciso entender que nenhuma está necessariamente certa ou errada. É importante avaliar a complexidade de se fazer afirmações contundentes ou rotular um grupo de pessoas baseando-se em algumas poucas experiências pessoais e isoladas.

RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Sobre a contribuição do BL para seu processo de autodescoberta como homem transgênero, Marcos respondeu no questionário que o BL havia contribuído mais ou menos. Segundo ele, sua experiência difere um pouco dos relatos de outros homens trans que já observou na internet, onde homens trans eram "fujoshis[18]" e, posteriormente, se descobriram

[18] *Fujoshi* (腐女子). Trocadilho com a palavra fujoshi (婦女子), que significa "mulher/esposa". Trocando o 婦 por 腐 (podre), transforma-se a palavra em fujoshi (腐女子), "mulher podre". O termo surgiu por volta de 2000, no fórum eletrônico japonês 2channel, como uma forma ofensiva de se referir às fãs de romances homoeróticos. Como reação, em vez de se revoltarem contra o termo, as fãs adotaram o termo para si. Ainda hoje, as fãs de BL usam o termo autodepreciativo para se referirem a si mesmas (McLelland; Welker, 2015).

como homens trans. Ele diz que "sapateou muito por essa questão de gênero" antes de chegar à conclusão de que era homem trans. O BL foi importante para seu processo como mais uma peça dentre várias outras para formar o todo, um "pontapé inicial" que desencadeou vários outros fatores.

Em seus comentários finais, fala sobre a importância da visibilidade de mídias que normalizem os relacionamentos homossexuais, seja BL ou não, para que mais pessoas possam se sentir representadas:

> [...] Porque as pessoas olham, se identificam e falam, poxa, por que eu me identifico com isso e não com relacionamento hétero, um romance hétero? Por que eu me identifico mais com os personagens homens do que com as personagens mulheres? Então, acho que essa é importância do bl também, né? [...] (Marcos)

Marcos acredita que "todo mundo pode escrever, todo mundo pode fazer, todo mundo pode consumir sem nenhum problema", pois "tem produtores de todo tipo no BL e consumidores de todo tipo no BL também". Para ele, a discussão do que é e do que não é válido apenas diminui a representação na mídia. Sobre o BL, aponta que "nem todo mundo gosta, nem todo mundo concorda", mas que é "inegável que existem fujoshis, fudanshis e todo tipo de gente que se une em relação a isso e se sente bem, sente representado".

Caio havia respondido no questionário que o BL havia contribuído mais ou menos para seu processo de autodescoberta. Na entrevista, relata que começou a consumir BL e entrou em uma fase de "ficar criando historinhas sobre personagens super variados", desde gays até assexuais, até chegar em personagens trans. Para poder criar o personagem, pesquisou mais sobre o assunto e acabou se identificando como homem transgênero. Apesar do BL não ter sido o fator principal de sua autodescoberta, ele não sabe se teria entrado em contato com a comunidade LGBTQ dessa forma, se não fosse pelo BL.

Em seus comentários finais, fala que o "discurso que tem sobre fujoshis e sobre a fixação de homens gays" o deixa preocupado, pois há "uma maneira específica de transfobia que é direcionada aos homens trans, que são gays, que gostam desse tipo de conteúdo, de que eles são só garotas heteras fetichizando homens gays". Para Caio, isso seria uma transfobia disfarçada de "linguagem progressista":

> [...] Na época, me preocupava que, tipo, eu estaria só fetichizando homens gays e que eu era uma farsa e tudo mais. Isso passa depois que você transiciona e vive a vida como homem, é bem mais tranquilo [...]. Hoje em dia, minha preocupação é mais sobre os garotos que podem ver isso e pensar isso. [...] (Caio)

Na entrevista, Lucas conta que conheceu o BL através de uma fanfic e acabou consumindo por curiosidade. A concepção de homossexuais masculinos que ele tinha, passados por sua mãe, eram de "dois caras musculozão, se beijando" e que isso era "uma coisa realmente nojenta". Ao entrar em contato com o BL, ele não achou nada "nojento" e não viu diferença com romances heterossexuais. Sobre a contribuição do BL para seu processo de autodescoberta como homem transgênero, ele havia respondido no questionário que o BL havia contribuído muito, pois":

> [...] Eu comecei a me identificar com alguns padrões de masculinidade do que apareceu nos mangás. Tipo, eu comecei a perceber que não existia um único, uma única forma de ser homem, sabe? Eu comecei a ver que é o que eu conhecia como, ah, homem é o cara que tem que gostar de mulher, que tem que gostar de futebol, que tem que gostar de falar besteira com os amigos e tal. Não era, nunca foi uma coisa que eu me encaixava, mas eu também comecei a questionar minha identidade, porque eu nunca me sentia, me senti confortável com meu corpo. Nunca me senti confortável com a identidade que eu estava assumindo a socialmente. E aí, a partir do BL, comecei a questionar essas coisas. [...] (Lucas)

Sem o BL, Lucas não sabe como seria e quantos anos demoraria até se descobrir como homem trans. Talvez ele não tivesse se afastado da igreja e nem conhecido outras pessoas trans. Em seus comentários finais, ele salienta a importância do BL como uma forma de conhecer pessoas e fazer amizades. Nesse sentido, a comunidade de fãs de BL surge não apenas como uma rede de contato com outras pessoas transgênero, mas também como um local seguro e acolhedor de interação:

> [...] Apesar de todos os pesares de brigas e tal, eu vejo muito como uma rede de apoio que é muito é acolhedora. Principalmente as meninas, né? Eu sei que é um fandom majoritariamente feminino e elas são bem acolhedoras. Eu diria que bem mais acolhedoras do que mulheres que não estão inseridas no fandom de BL, num geral, se eu fosse comparar, assim, na minha experiência. [...] (Lucas)

Em sua entrevista, Gabriel conta que sua relação com o BL mudou, pois ele costumava ser muito mais influenciado pelo que as pessoas da internet consideravam como "certo ou errado". No entanto, apesar de ser afetado por esses julgamentos no passado, agora ele diz estar cansado dessas críticas e que "o que eu gostei, gostei, e não me importo com o que as outras pessoas acham":

> [...] Eu me sentia bem mal, porque eu tinha que concordar com as pessoas. Falar não, vocês estão certos. Hoje em dia, eu falo assim, ah, gente, é um meio ficcional, você pode explorar o que você quiser. Você pode explorar sua sexualidade, pode por explorar a vida que você não tem. É um meio ficcional, porque é tudo seguro. [...] (Gabriel)

Sobre a contribuição do BL para seu processo de autodescoberta, no questionário, Gabriel havia respondido que o BL havia contribuído muito. Segundo ele, as histórias dos BL permitiram com que ele experimentasse "uma coisa que ele queria". O BL surgiu como um "pontapé para eu começar a questionar. Questionar tanto a minha própria sexualidade quanto o meu gênero". Conta que, por ter acesso ao BL muito cedo, também teve acesso à comunidade LGBTQ muito cedo. Isso fez com que ele pudesse conhecer outras vivências.

Em seus comentários finais, Gabriel diz que "só gostaria que as pessoas parassem de levar as próprias experiências com verdade". Não só na comunidade LGBT, mas até mesmo entre as pessoas trans, ele acredita que existem muitos julgamentos sobre os gostos, comportamentos e até aparências. Diz que há discursos de que "se você não é tão masculino, você não é realmente uma pessoa trans". Ele gostaria que isso parasse, pois "cada ser humano é único. Então, se a minha vivência não é igual a sua não significa que eu sou menos trans ou menos homem".

Em sua entrevista, Arroz diz que conheceu o BL através de uma ex-namorada e que, na época, seu contato era maior com os "BL clássicos", com semes dominantes e ukes delicados. Inicialmente, isso causou estranheza, mas chamou sua atenção. Sobre a contribuição do BL para seu processo de autodescoberta como homem trans, afirma que contribuiu muito, exatamente por causa dos personagens delicados. Ele relata que gosta de pintar as unhas e ter cabelo comprido, coisas que não são tradicionalmente aceitáveis para homens. No entanto, no BL esse tipo de personagem masculino é frequente e isso lhe trouxe uma nova perspectiva de masculinidade. Conta que "a partir do bl eu comecei a questionar e a partir dele eu comecei a entender um pouquinho mais sobre mim mesmo". Antes do BL, seu contato com a comunidade LGBTQ era "quase inexistente":

> [...] A partir do BL eu consegui entender também um pouquinho mais sobre outras minorias e a partir disso, por exemplo, eu consegui ter uma amiga trans também, antes de eu me descobrir como trans. Consegui ter um amigo, assim, que ele é gay. Ele gosta muito de ler BL e nós conseguimos ter uma conversa por causa disso e até hoje estamos próximos. [...] (Arroz)

Em seus comentários finais, Arroz fala como vê frequentemente pessoas atacando os "BL mais clássicos" online. Mesmo entendendo

que a dinâmica dessas histórias não é o ideal, foi a partir disso que ele conseguiu "explorar certos tópicos". O conceito de homem super afeminado dos BL fez Arroz se sentir representado, pois ele também possui uma voz "bem feminina". Por entender que não há "só uma ideia de homem, uma ideia de mulher", o BL o ajudou muito a descobrir em qual "eixo" ele estaria..

CONCLUSÃO

Considerando os dados e discussões apresentados nesta pesquisa, foi possível perceber que o BL de fato possuiu um papel importante no processo de autodescoberta dos homens trans que são fãs desse tipo de mídia. Assim como foi possível ter uma ideia geral de quem são os homens trans da comunidade de fãs de BL, como é a sua relação com o BL e de que forma ele é consumido.

Assim como foi exposto por Nagaike e Aoyama (2015), a possibilidade de entrar em contato uma realidade masculina mais "feminina" através do BL se mostrou um ponto importante. Muitos homens trans desta pesquisa relataram se sentirem representados e acolhidos por essa expressão de masculinidade. Além disso, em concordância com Welker (2022), foi possível notar que o BL auxiliou na conscientização sobre questões de gênero e serviu como uma porta de entrada para a comunidade LGBTQ. Esse contato com as questões LGBTQ proporcionado pelo BL foi essencial para o processo de autodescoberta de muitos participantes.

A transfobia disfarçada de discussão sobre a "fetichização" abordada por Caio foi extremamente interessante, pois foi um ponto que surgiu no relato de outros participantes. Durante a entrevista de Marcos, ele conta que, em 2006, disse ao seu namorado da época que cogitava a possibilidade ser trans. Esse ex-namorado disse que era "besteira" e que Marcos estaria "lendo muito BL". No questionário, o participante 58 relata que hesitou em consumir BL antes de se assumir como homem trans por ter medo de "ser uma pessoa que só 'queria ser homem porque parece legal nos BL'". O participante 65 relata já ter sido acusado de estar "fingindo ser homem pq bl corroeu meu cérebro".

É possível observar que a preocupação de Caio não é isolada. Possivelmente, é uma questão que aflige muitos homens trans fãs de BL em processo de autodescoberta, que ainda são vistos como mulheres cisgênero. Essa problemática mostra a importância de se tomar cuidado com acusações muito contundentes sobre outras pessoas. Se não fosse por esse medo de ser uma "mulher que deixou o BL subir à cabeça", talvez o processo de autodescoberta de muitos desses homens fosse menos conturbado.

Em relação à pesquisa como um todo, houve descuidos que poderiam ter sido evitados, como a falta de uma pergunta sobre a orientação sexual dos participantes. Apesar de não ser um dado crucial, poderia trazer uma camada a mais para a discussão. Além disso, por algum tempo, a pergunta sobre como o BL contribuiu para o processo de autodescoberta não ficou marcada como obrigatória, o que resultou em uma resposta em branco de um respondente. Por fim, seria interessante se a entrevista tivesse pelo menos um participante que tivesse respondido que o BL não contribuiu para sua autodescoberta, para uma perspectiva diferente sobre o fenômeno. Apesar de tudo, no geral, o resultado da pesquisa se mostrou bastante satisfatório.

REFERÊNCIAS

AOKI, Deb. TCAF 2015 – Gengoroh Tagame Talks Gay Manga, "Bara," BL and Scanlation. **Manga Comics Manga**, 2015. Disponível em: http://mangacomics.wpengine.com/tcaf-2015-gengoroh-tagame-talks-gay-manga-bara-bl-and-scanlation/. Acesso em: 21 jan. 2024.

YANO KEIZAI KENKYÛJO (Instituto de Pesquisa Econômica Yano). *Boys love ichiba no jittai to tenbô* (realidade e perspectivas do mercado de boys love). **X BUSINESS**, 2017. Disponível em: https://xbusiness.jp/post/174. Acesso em: 19 de jun. 2024.

COELHO, Alice de Aquino Moura. Quem é a fujoshi brasileira? Uma pesquisa sobre o perfil dos consumidores de Boys Love do Brasil. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek, Rio Grande**, v.5, n.9, jul. - dez. 2023. p. 54-65.

DAHLAN, Hadi Akbar. The Publishing and Distribution System of Japanese Manga and Doujinshi. **Publishing Research Quarterly**, vol.38, Nº 4, p. 653-664, 2022. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s12109-022-09919-9. Acesso em: 21 jan. 2024.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvona S. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, jun. 2005. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-451. Acesso em: 21 jan. 2024.

FUJIMOTO, Yukari. *Shônen-ai, JUNE/yaoi · BL – sorezore no koshô no seiritsu to tenkai* (*Shônen-ai*, *JUNE*/*yaoi* e BL – estabelecimento e desenvolvimento de cada nome). In: HORI, Akiko; MORI, Naoko (ed.). ***BL no kyôkasho* (livro didático do BL)**. Tóquio: Yuhikaku, 2020.

FUJIMOTO, Yukari. Transgender: Female Hermaphrodites and Male Androgyne. **U.S.-Japan Women's Journal**, Honolulu, n. 27, p. 76-117, 2004.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas?. In: GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBO. Dramas BL cresceram 188% no Brasil em 2022; conheça séries populares para maratonar. **Revista Quem**, 2023. Disponível em: https://revistaquem.globo.com/entretenimento/series-e-filmes/noticia/2023/01/dramas-bl-cresceram-188percent-no-brasil-em-2022-conheca-series-populares-para-maratonar.ghtml. Acesso em: 21 jan. 2024.

KIMIE, Itakura. The Evolution of "Boys' Love" Culture: Can BL Spark Social Change?. **nippo.com**, 2020. Disponível em: https://www.nippon.com/en/in-depth/d00607/. Acesso em: 21 jan. 2024.

KIRCHER, Madison Malone. 'I ship them' — the strange concept that's changing the way people talk about relationships. **Business Insider**, 2015. Disponível em: https://www.businessinsider.com/what-shipping-means-to-teens-2015-8. Acesso em: 21 jan. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do "gênero". In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma Perspectiva Pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAEKAWA, Naoya. *Gay dansei wa BL wo dô yondekita ka* (como os homens gay tem lido o BL). In: HORI, Akiko; MORI, Naoko (ed.). ***BL no kyôkasho* (livro didático do BL)**. Tóquio: Yuhikaku, 2020.

MIRANDA, Davi. Eu Quero Ser um Cara no Mundo da Vida: luta de um homem trans por reconhecimento. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 22, jul./dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13485. Acesso em: 21 jan. 2024.

NAGAIKE, Kazumi; AOYAMA, Tomoko. What is Japanese "BL Studies?: A Historical and Analytical Overview". In: McLELLAND, Mark et al. (ed.). **Boys Love Manga and Beyond**: History, Culture, and Community in Japan. Mississippi: University Press of Mississippi, 2015.

REIS, Toni; CAZAL, Simón (org.). **Manual de educação LGBTI+**. Curitiba: IBDSEX, 2021. Disponível em: https://vtp.ifsp.edu.br/images/NUGS/manual_de_educao_gaylatino_2021_v_25_11_2021_-_WEB.pdf. Acesso em: 21 jan. 2024.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 21 jan. 2024.

VALENS, Ana. Welcome to the 'omegaverse,' the kinky erotica genre reimagining bodies. **Cashmere Magazine**, 2020. Disponível em: https://cashmeremag.com/omegaverse-abo-fiction-904340. Acesso em: 21 jan. 2024.

VASCONCELOS, Caê. Pelo 14º ano, Brasil é país que mais mata pessoas trans; foram 131 em 2022. **UOL**, 2023. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/01/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm. Acesso em: 21 jan. 2024.

WELKER, James. A Brief History of Shōnen'ai, Yaoi, and Boys Love. In: McLELLAND, Mark et al. (ed.). **Boys Love Manga and Beyond**: History, Culture, and Community in Japan. Mississippi: University Press of Mississippi, 2015.

WELKER, James. Introduction: Boys Love (BL) Media and Its Asian Transfigurations. In: WELKER, James (ed.). **Queer Transfigurations**: Boys Love Media in Asia. Honolulu: University of Hawaii Press, 2022.

Como citar este artigo:
OGURA, Cristhielle Tieko. O papel dos boys love (BL) na autodescoberta de homens transgênero. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.6, n.10, jan-dez. 2024, p.65-80.